



A comunicação como instrumento essencial no cuidado humanizado na unidade de terapia intensiva

Petrúcyra Frazão Lira

Alexandra Vieira Pereira

Luana Almeida Fernandes

Karla Gabriella Oliveira Peixoto de Sousa

Ana Paula Agostinho Alencar

Crystianne Samara Barbosa Araújo

RESUMO

A Unidade de Terapia Intensiva (UTI), como o próprio nome sugere, é um setor cujas atividades são mais intensas e complexas. A primeira UTI no mundo surgiu na década de 50, devido à necessidade de proporcionar às pessoas, em estado grave, a possibilidade de recuperar a saúde, associado ao desenvolvimento tecnológico da época (Sanches et al., 2018).

Palavras-chave: Comunicação, Humanização, UTI, Enfermagem.

1 INTRODUÇÃO

A Unidade de Terapia Intensiva (UTI), como o próprio nome sugere, é um setor cujas atividades são mais intensas e complexas. A primeira UTI no mundo surgiu na década de 50, devido à necessidade de proporcionar às pessoas, em estado grave, a possibilidade de recuperar a saúde, associado ao desenvolvimento tecnológico da época (Sanches et al., 2018).

No desenvolvimento das atividades de enfermagem, constata-se a importância da comunicação entre o profissional da saúde e o paciente, conhecida como comunicação terapêutica. Esse processo é de extrema importância para que sejam identificados não só as necessidades do paciente, mas também as suas reações ao tratamento. Entretanto, a comunicação terapêutica algumas vezes se torna falha, principalmente com aqueles que se encontram na Unidade de Terapia Intensiva Adulto (UTI), submetidos pela ventilação mecânica invasiva (Favarin; Camponogara, 2012).

Diante desse desafio para os profissionais da saúde, percebe-se a necessidade de estabelecer uma comunicação sincera e clara tanto entre profissional/paciente, quanto entre o paciente/profissional, sem estresse e sofrimento. Somente através da comunicação é factível diminuir as ansiedades na luta pela sobrevivência, na possibilidade de morte, na separação dos familiares e na mudança da rotina (Puggina et al., 2014).



2 OBJETIVO

Analisar a percepção da equipe de enfermagem sobre a comunicação como instrumento essencial no cuidado humanizado ao paciente criticamente enfermo.

3 METODOLOGIA

O estudo foi realizado em um hospital terciário da rede estadual da Secretaria da Saúde do Estado do Ceará. Os sujeitos da pesquisa foram os profissionais que compõem a equipe de enfermagem (técnicos e enfermeiros), como critério de inclusão apenas os que executem seu exercício profissional somente em unidades de terapia intensiva e que atuem a mais de um ano nessa área. Ficando excluídos os que estavam de férias ou de licença saúde. Foi utilizado o método de saturação teórica dos dados em que a apresentação de novas respostas não acontece de forma a incluir novos dados.

A pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Juazeiro do Norte-FJN e aprovada com o número do parecer 3.040.460. Sendo utilizada uma entrevista semiestruturada e a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Para análise dos dados obtidos, utilizou-se a análise de conteúdo proposta por Bardin de forma que a construção da redação será de cunho categorial. O material sofreu um tratamento de transcrição textual das falas na íntegra as quais foram exploradas e codificadas com letras maiúsculas (E1, E2, T1, T2..., onde E=para enfermeiros e T= para técnicos de enfermagem), dessa forma não serão identificados e terão sua imagem preservada.

4 DESENVOLVIMENTO

Foram entrevistados 35 profissionais, onde no primeiro momento indagado a respeito de suas situações socioeconômicas, tendo que 18 (54%) encontravam-se com idade entre 28-38anos, sendo 33 (65,72%) do sexo feminino e referente ao tempo de atuação na UTI, apenas 06 (17,14%) possuíam atuação há um ano, enquanto o restante da amostra possuíam tempo superior. No que diz respeito à formação dos enfermeiros como especialização na área de UTI, observa-se existência de 08 enfermeiros atuando sem o título de especialista na área.

Fenômeno preocupante, uma vez que a UTI representa um local de assistência intensiva devido à criticidade da saúde dos pacientes e, por sua vez, requer atuação profissional perita na prestação assistencial conferida a este setor (Santana et al, 2011).

A comunicação está presente na Política Nacional de Humanizada (PNH), criada em 2003 pelo Ministério da Saúde, tanto em seu conceito quanto em seus princípios e diretrizes demonstrando que a construção de uma assistência integral da saúde é alcançada mediante sua aplicabilidade (Martins; Luzio, 2017). Verifica-se que a equipe considera relevante a realização da comunicação durante seu processo de cuidado, informam que contribui com a saúde do paciente, pois há maior segurança entre o binômio



profissional-paciente. Bem com, tem-se a expressão das falas sobre os métodos que utilizam para realizar a comunicação com os pacientes que encontram criticamente enfermos.

“É muito importante para melhorar o quadro clinicamente e psicológico, humanização” (T03).

“Através de gestos, movimentos, leitura labial e comunicação verbal” (T06).

Ao analisar as falas da equipe, observou-se experiências positivas quanto a prática da comunicação na prestação de cuidados. Os autores Melo et al.(2016), relatam em seu estudo sobre os benefícios da comunicação terapêutica ao paciente crítico, que contribuir diretamente na recuperação do paciente, proporcionando confiança entre os seres envolvidos no processo do cuidado e auxiliar na minimização das dores e medos dos enfermos, devendo ser um instrumento essencial na prática diária de enfermagem.

Quando abordados sobre os principais desafios e facilidades, as falas se assemelharam, sendo em ambas, estando às condições relacionadas ao nível de consciência comprometida, gravidade do quadro clínico, tempo e demanda do serviço no que diz respeito a tarefas assistenciais e burocráticas do setor, como sendo os desafios mais pontuados; e como facilidades, identifica-se o número de pacientes no setor, que é reduzido, quando comparado aos demais setores do hospital, por ser um ambiente fechado, restrito, sem barreiras físicas ao cliente e pelos próprios pacientes expressarem o desejo do diálogo, foram as principais encontradas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante da análise, verifica-se que existe a preocupação da aplicabilidade da comunicação no processo de cuidados aos pacientes criticamente enfermos da UTI para a melhora do quadro clínico e para o reconhecimento dos fatores que dificultam a realização desse instrumento. Desta forma, se faz necessário minimização e/ou eliminação das causas que venham a interferir na sua realização, de modo a melhorar a qualidade de assistência prestada pela equipe de enfermagem.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos à Comissão Científica da secretaria de Saúde do Estado do Ceará, pelo apoio no desenvolvimento desta pesquisa.



REFERÊNCIAS

FAVARIN, S. S; CAMPONOGARA, S. Perfil de pacientes internados na unidade de terapia intensiva adulto de um hospital universitário. Rev. Enferm. UFSM, v.2, n.2, p. 320-329, mai/ago. 2012. Disponível em : <https://periodicos.ufsm.br/reufsm/article/view/5178/3913> .Acesso em 06 de maio de 2018.

SANCHES, R. C. N. et al,. Percepções de profissionais de saúde sobre a humanização em unidade de terapia intensiva adulto. Escola Anna Nery, v.20, n.1, p.48-54, 2016. Disponível em : <http://www.scielo.br/pdf/ean/v20n1/1414-8145-ean-20-01-0048.pdf> acesso em 06 de jun de 2018.

SANTANA, J .C .B .S et al. Comunicação não verbal nas unidades de terapia intensiva: percepção dos enfermeiros. Rev. pesq.: cuid. fundam. online 2011. abr/jun. 3(2):1912-23. Disponível em: <http://pesquisa.bvs.br/brasil/resource/pt/bde-22003> . Acesso em: 02 de maio de 2018.

MARTINS, C. P.; LUZIO, C. A. Política Humaniza SUS: ancorar um navio no espaço. Interface (Botucatu), v. 21, n. 60, 2017.

MELO, A. K. D. A. N; et al. Benefícios da comunicação terapêutica para uma assistência humanizada e efetiva ao paciente crítico. Revista saúde, v. 10, n.1, 2016.

PUGGINA, Ana Claudia et al. Percepção da comunicação, satisfação e necessidades dos familiares em Unidade de Terapia Intensiva. Esc. Anna Nery, v.18, n.2, p. 277-283, 2014.